

**VALORES E PRÁTICAS – PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS –
ESTUDO DE FAMÍLIAS TRIGERACIONAIS**

**VALUES AND PRACTICES: PERMANENCIES AND REMOVALS –
RIGENERATIONAL FAMILIES STUDY**

**VALORES Y PRÁCTICAS: PERMANENCIAS Y MUDANZAS;
ESTUDIO DE FAMILIAS TRIGERACIONALES**

*Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves**
*Stella Maria Poletti Simionato-Tozo***
*Mirian Botelho Sagim****

* Professora Doutora Titular do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

** Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

*** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

RESUMO. Considerando que as gerações são portadoras de história e de representações de mundo, torna-se relevante estudar como vem ocorrendo as transmissões e transformações na vida familiar. O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar os valores e as práticas adotadas em famílias trigeracionais, pertencentes aos segmentos médios urbanos, e verificar se estão sendo mantidos ou modificados, no decorrer do século XX. Através de história de vida temática com membros de cada geração de uma mesma família, busca-se descrever o cotidiano, os relacionamentos e as representações que cada geração faz deles, as similaridades e diferenças que vão acontecendo com o passar do tempo, e analisar a vivência nas diferentes etapas do ciclo de vida familiar e seu entrecruzamento com o do indivíduo. Os dados deste estudo revelam alterações e permanências a cada geração estudada, nas diferentes fases de vida, do indivíduo e da família, ligados aos contextos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: mudanças; família; gerações; histórias de vida.

ABSTRACT. Considering that the generations are bearers of history and representations of the world, studying how the transmission are given or even the transitions on familiar life becomes relevant. The objective of this research was to analyze the values and practices adopted by trigerations family belonging to urban middle class and to verify if they are maintained or modified along the XX century. Through the thematic life history with elements of each generation of a same family, tries to describe the ordinary life, relationships, representations that each generation has of itself, the similarities and differences that occur as time pass and to analyze the life experiences in different phases of the cicle of the family life and its crossings with the one of the individual. The data of this study reveals alterations and permanencies in each generation, in different phases of the life cycle, of the individual, family, connected with different contexts in life.

KEYWORDS: changes; family; generation; histories of life.

RESUMEN. Considerando que las generaciones son portadoras de historias y de representaciones de mundo, es relevante estudiar como viene dándose esta transmisión, o la transformación de la vida familiar. Esta encuesta tiene por objetivo analizar los valores y prácticas de la familia trigeracional, de los seguimientos medios urbanos, y verificar si vienen alterándose o manteniéndose durante el siglo XX. A través de la historia de vida temática, con elementos de cada generación de una misma familia, busca describir el cotidiano, los relacionamientos, las representaciones que cada generación hace de ellos, las semejanzas y diferencias que van ocurriendo con el pasar del tiempo, y analizar la vivencia en las diferentes etapas del ciclo de vida familiar y su entrecruzamiento con el del individuo. Los datos de este estudio revelan alteraciones y permanencias en cada generación estudiada, en diferentes fases del ciclo de vida, del individuo y de la familia, ligados a los diferentes contextos de vida y ambientes.

PALABRAS-CLAVE: transformaciones; familia; generación; historia del vida.

Recebido em: 11/10/2005
Aceito em: 01/12/2005

Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves
Av. Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre
14040-901 - Ribeirão Preto - SP
E-mail: zmmbrasoli@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O pesquisador, ao escolher a família como objeto de estudo, acha-se perante uma realidade que lhe é muito próxima¹. Este modelo visualizado é o da família composta por pai, mãe e crianças, vivendo numa casa, que seria o da família nuclear, de acordo com o modelo burguês^{2,3}. Ele tem uma estrutura hierarquizada, em que o marido/pai exerce autoridade sobre a esposa e filhos, há uma divisão do trabalho rígida, separando tarefas masculinas das femininas, condicionando o vínculo afetivo entre os cônjuges, deles com a prole, havendo maior proximidade das mães com os filhos⁴.

Quando se admite este modelo como norma, seus valores, regras, crenças e padrões passam a ser aceitos como universais, fazendo com que a família que se afaste desta composição seja considerada como “desestruturada” ou “incompleta”. No entanto muitas mudanças vêm ocorrendo e o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser um projeto individual. Portanto a predeterminação dos papéis sexuais, as obrigações entre pais e filhos, a divisão de funções, o exercício da autoridade e as questões dos direitos e deveres em família passam a ser objeto de negociações; parece que se vive em um tempo repleto de alternativas.

Para além das mudanças no relacionamento entre as gerações, a existência de uma família idealmente constituída é hoje muito menos freqüente. A realidade tem mostrado grandes transformações a partir da legalização do divórcio, que ocorre no Brasil desde 1977, com alto índice de separações e recasamentos, compondo diversas estruturas familiares, vistas às vezes como “patológicas” ou como “anomalias modernas”².

Relacionada a esta situação está a idéia de “crise da família”, expressão utilizada para sinalizar uma situação crônica de insatisfação. Assim, não é o papel socializador da família que deve ser questionado, nem a ameaça de sua destruição, mas

a ruptura do modelo nuclear hegemônico e a busca de novas estrutura.

Não há dúvida, então, de que boa parte das famílias está mudando, tentando arranjos em que as relações sejam aprimoradas, mas pergunta-se até que ponto essas alterações estão trazendo novos modelos ou renovando os antigos⁵.

Por outro lado, as relações que se estabelecem na família entre gerações diferentes compõem a socialização ao longo da vida, havendo aproximações e distanciamentos nas formas de perceber o mundo entre indivíduos que desempenham papéis diversos. São três, às vezes quatro gerações que avançam juntas no tempo, seguindo um ciclo vital periodizado por eventos críticos, que definem as etapas evolutivas – casamento, nascimento dos filhos, adolescência, aposentadoria, que trazem incumbências correspondentes a objetivos psicossociais próprios de cada uma delas⁶.

Existe, às vezes, uma percepção da geração mais velha de que a próxima é pior, trazendo a preocupação com a “quebra” entre os valores dos pais e os de sua prole⁷; contudo as famílias, mais ou menos conscientemente, chegam a construir uma interpretação dividida de alguns aspectos cruciais da vida, e buscam manter o tipo de vínculo requerido nas várias idades das gerações co-presentes nela, evitando ou impedindo que a crise entre os pais e a prole signifique ruptura⁶.

OBJETIVO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como o ciclo de vida da família, pertencente aos segmentos médios urbanos, vem-se alterando ao longo do século XX. Considerando que as gerações são portadoras de história e de representações de mundo, torna-se relevante estudar a transmissão de valores e as transformações da vida familiar. Busca-se descrever o cotidiano, os relacionamentos e representações que cada geração faz, identificando as similaridades e diferenças com o passar do tempo.

MÉTODO

FAMÍLIAS PARTICIPANTES

Para identificar famílias que pudessem participar do estudo, foram contatadas pessoas conhecidas e solicitou-se-lhes que indicassem famílias trigeracionais. Da lista obtida foram selecionadas 3 famílias de camada média. A seguir, uma das gerações destas famílias era procurada e indagada sobre a disponibilidade em participar da pesquisa; conversou-se depois com os membros das outras gerações, para obter o seu aceite. Após anuência, fazia-se uma visita, falava-se dos objetivos da pesquisa e colhiam-se-lhes a assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido, marcando-se depois dia, horário e local para a realização da entrevista.

Das três famílias, 15 membros foram entrevistados, em suas residências, havendo a seguinte distribuição. Família 1= 1 entrevista na 1ª geração; 2 a 2ª; 3 na 3ª. Família 2= 1 na 1ª geração; 2 na 2ª; 1 na 3ª. Família 3= 2 na 1ª geração; 2 na 2ª; 2 na 3ª. Utilizou-se a entrevista denominada história de vida temática, tendo-se elegido estes tópicos: a) dados sócio-demográficos; b) infância e vida familiar; c) adolescência; d) casamento; e) vida com os filhos pequenos; f) família com filhos adolescentes até adultos; g) filhos fora de casa; h) chegada dos netos; i) família no estágio tardio da vida: o envelhecer. A duração das entrevistas variou de 1 hora e meia a 4 horas; todas foram gravadas. Após a transcrição os relatos foram qualitativamente analisados conforme Biasoli-Alves e Dias-da-Silva⁸.

RESULTADOS

INFÂNCIA E JUVENTUDE NAS 3 GERAÇÕES

1ª Geração. A infância aparece como época de muito trabalho e pouca brincadeira. A juventude é um tempo curto e de preparo das moças para serem donas de casa, e dos rapazes para o mundo do trabalho.

Nunca aproveitei por assim dizer, baile, essas coisa não. Nem me explicaram nada. Foi tudo assim de olho fechado (risos). Eu não conheci outro homem, nunca beijei outro homem, nunca... nada.

2ª Geração. Já a segunda geração tem a infância ligada a brincadeiras, sendo comum existirem várias crianças como companhia. A juventude é descrita como época de freqüentar bailes, festas; a menarca é explicada pelas mães e também na escola, pois existia a aula de "puericultura". Mas as moças se casam virgens, em geral com o primeiro namorado, e os rapazes iniciam a vida sexual com prostitutas.

Eu pude viver bastante a natureza, brincar bastante, sem maiores problemas!

3ª Geração. Para esta geração a infância foi um período de brincadeiras e muitas amizades, alguns vivendo em condomínios fechados, que ofereciam várias possibilidades de lazer. Na juventude há ênfase no estudo, com bastante liberdade para os rapazes de sair com amigos, de dirigir, e de ter uma vida sexual ativa com as namoradas, perdendo a virgindade com elas.

NAMORO E CASAMENTO

1ª Geração. O tempo entre se conhecerem e casarem era curto; em geral no namoro já existia um compromisso de casamento, seguindo as regras impostas pelo pai da moça, contando com a supervisão da mãe.

Era de quinta, sábado e domingo, só, que eu, que a gente conversava. Ele (o pai) falou assim: Você pode vir, mas é seis meses, daqui a seis meses tem que casar.

Há relatos de que a vida de casada foi boa, que o marido era amoroso; mas, o casamento era visto como sagrado e para a vida toda, e mesmo que a convivência não fosse tranquila, era ensinado que os atritos tinham que ser superados; a separação não era nem cogitada, e deveria haver muito respeito pelo marido.

2ª Geração. O namoro agora passa a ser longo; é comum que dure vários anos, seguindo-se o noivado, que marcava um compromisso sério e um período para compra de bens para a casa dos futuros marido e mulher. Já aparece a mulher trabalhando, em geral como professora, pelo menos até o nascimento do primeiro filho.

3ª Geração. Os casais têm agora bastante liberdade na época de namoro, nos finais de semana vão para bares da moda, clubes, boates, e depois de certo tempo de namora, até para motéis.

Se a namorada engravida, o casamento acontece em seguida, ainda que certas famílias falem em preferir que seja feito aborto.

A VIDA COM OS FILHOS PEQUENOS

1ª Geração. O comum para a época era os casais não evitarem a vinda dos filhos; a gravidez costumava acontecer logo nos primeiros meses de casada; e também após o primeiro, logo vinha o segundo, o terceiro, o quarto e assim por diante. No cotidiano com o marido e os filhos percebe-se uma rotina com certa cadência: o marido trabalha fora, almoça em casa, e retorna do trabalho no final da tarde, enquanto a mulher fica em casa, cuida de tudo, tendo auxílio de empregadas. Os filhos ficavam brincando no quintal e, tendo idade, freqüentavam a escola. O pai brincava ou contava histórias para os filhos a noite, enquanto as mulheres costumavam nessa hora costurar, bordar ou fazer crochê.

2ª Geração. Para esta geração a chegada do filho acontece também no primeiro ano de casamento; o método anticoncepcional natural é a “tabelinha”. Com o fato de as mulheres já estarem trabalhando fora, começam a ser postos em prática outros métodos para evitar a gravidez, porque a questão de ter quem fique com a criança é agora um problema. A visão do marido quanto ao trabalho da mulher fora de casa é ligada à necessidade de complementação do orçamento familiar.

Os filhos pequenos tendem a ficar na casa da avó, enquanto a mãe trabalha, porque a mulher se sente culpada e sofre por deixar o filho, em especial se não for com alguém da família.

3ª Geração. Agora aparece com certa freqüência o fato de a moça engravidar e isto motiva o casamento. Após o nascimento do bebê, há mães que entram em depressão, por se sentirem incapazes de lidar com o bebê.

Agora, aos pouquinhos ela, volta ao normal, ela está vendo que, igual o pediatra fala, que não é tão frágil do jeito que ela imaginava.

VIDA FAMILIAR E OS FILHOS ADOLESCENTES

1ª Geração. O cuidado com os filhos adolescentes fica por conta da mãe, há várias afirmações de que eles não deram trabalho na adolescência, porque não fumavam, não bebiam. A figura do pai era utilizada para impor limites de horário e controlar os filhos, fazendo com que as mães contassem tudo a eles, quando chegavam em casa. O namoro podia começar na adolescência, mas só se tornava sério depois de definido o casamento.

2ª Geração. Os pais começam a permitir que os filhos aprendam a dirigir com 15 anos, podendo sair com os amigos. Aparecem as preocupações com o uso de drogas, o chegar em casa de madrugada, os acidentes de moto e carro, a homossexualidade, o respeito pelas meninas, principalmente quando eram vistas como de boa família e o namoro era sério.

A SEPARAÇÃO

Aparece aumento significativo nessas famílias da segunda geração em diante no número de separações e divórcios, em parte interpretado pelo fato de que é a partir desta geração que se tem um trabalho sistemático da mulher fora de casa. Ela, como trabalhadora, cada vez menos se submete a casamentos insatisfatórios, porque pode se sustentar, ainda que permaneça a exigência de ser dada pensão para os filhos e que os relatos das mulheres assinalem a dificuldade de aceitar a separação.

Eu sempre tive o exemplo assim, de família, de família mesmo. Todo o mundo junto, tudo, tanto que quando é, é, aconteceu de eu separar, eu não aceitava isso, para mim era muito, foi uma coisa muito difícil (F1).

A aceitação da separação pelos filhos acontece porque o ambiente doméstico estava muito desgastante, seja pelas brigas do casal, seja por identificar a infelicidade da mãe.

VIDA FAMILIAR E A FORMAÇÃO DAS NOVAS FAMÍLIAS

1ª Geração. Os filhos e filhas saem de casa para se casar. Mesmo que o namoro comece na adolescência, o casamento vai ocorrer por volta dos 23/26 anos para os rapazes e entre os 17/20 para as moças.

2ª Geração. Não existe expectativa de que os filhos se casem às pressas. Os namoros são longos e depois ainda vem o noivado; o que pode determinar alterações é a questão da gravidez da namorada.

Uai, que é que você vai fazer? Vai bater? Mandar embora. Tem mais é que aceitar, e dá um jeito.

Observa-se, então que os pais acabam por criar condições para auxiliar o filho ou filha que precisa se casar rapidamente, visando garantir que já estejam com a vida a dois organizada no nascimento do filho.

Momento atual de vida da 2ª Geração. O relacionamento entre as gerações passa a ter pontos de conflito. Apesar disto o casamento não parece estar falido, pois boa parte dos que se separam voltam a se casar, buscando melhores relações em novas uniões.

O que ocorre é que as pessoas têm mais liberdade para buscar sua realização pessoal em novas formas de ligação em que haja mais espaço pra o equilíbrio de poder entre os cônjuges (F2).

VIDA FAMILIAR

Através das gerações estudadas observa-se uma busca de igualdade, em especial entre os casais mais novos. E com relação aos papéis de pai e mãe, de homem e mulher, verifica-se que eles se tornam menos rigidamente definidos.

Outro dado que aparece de modo sistemático nas três famílias trigeracionais é a presença de ampla rede de apoio, que inclui todas as pessoas com quem tendem a interagir, seja nas relações de trabalho, com professores e educadores das escolas frequentadas pelos filhos, além das amizades. Entretanto a família extensa aparece como rede de

apoio em diversos momentos da vida familiar, em todas as gerações estudadas.

Por fim, é importante assinalar que as 3 famílias demonstraram um projeto de ascensão social, iniciado na 1ª geração, continuado e alcançado pela 2ª e usufruído pela 3ª; de outro lado, em todas as estudadas verificou-se a existência de grande proximidade física e emocional entre as diferentes gerações, o que mostra ora a permanência, ora a mudança dos valores dessas gerações analisadas, levantando questões sobre o desenvolvimento individual no grupo familiar.

DISCUSSÃO

Os resultados mostram desde as mudanças no ciclo de vida familiar nas três gerações, até as manutenções dos relacionamentos familiares. Alguns temas sobressaem – as diferenças entre o papel masculino e feminino se tornam mais tênues, o que não significa que elas tenham deixado de existir; o trabalho da mulher fora de casa, a partir da 2ª geração estudada, aparece como necessário e fonte de satisfação para elas, e ele condiciona a rotina da casa e a busca de cuidados para com os filhos. A liberdade sexual atinge o seu ápice na 3ª geração; o casamento aumenta os vínculos familiares, ao mesmo tempo que o relacionamento por afinidade (sogra/genro, sogra/nora, sogro/nora. Sogra/genro) exige muitos cuidados.

Algumas tendências podem ser percebidas. A partir do momento em que a mulher se volta para o trabalho fora de casa, ela se transforma e tem menos tempo para os cuidados com os filhos, com o lar; isto leva o homem a rever seu próprio papel, assumindo mais o cuidado com os filhos.

Embora isto possa inicialmente ser visto como uma situação de crise, é um processo que traz muita aprendizagem ao casal e aos filhos; é fato que o homem e a mulher podem, então, experimentar diferentes papéis, o que permite que as relações diminuam seu grau de complementaridade e passem a ser mais simétricas.

Outras alterações claramente identificadas são as seguintes:

Primeiro, as que estão voltadas para a forma de a Infância ser vivenciada; na 1ª Geração ela é dominada pelo trabalho, em diferentes contextos, sendo constante o fato de que a menina deve auxiliar a mãe nos afazeres domésticos; nas gerações seguintes, a infância irá assumir a característica de uma época da vida sem preocupações, direcionada para a brincadeira e amizades.

Segundo, a sexualidade vai percorrendo o caminho de um tema totalmente proibido e escondido na 1ª geração, para um assunto possível, mas ainda caracterizado como pertencente à área de saúde e higiene na 2ª, e torna-se um tema cotidiano, sendo as relações sexuais entre os jovens algo possível e permitido para a 3ª geração; a partir daí, e diretamente relacionada à área da sexualidade e ligada à percepção da função do casal e da família, está a variação que foi da ausência de pensar em controle da natalidade ao encaminhar-se para o uso de métodos anticoncepcionais, chegando a opção do filho único, e até em tratamentos para engravidar quando necessário.

Terceiro, a mulher que antes permanecia em casa, cuidando dos filhos e do lar, vai dar lugar àquela que busca uma formação educacional, que possui um trabalho profissional e que é capaz de se sustentar, e ao filho, após a separação do casal. É claro também como na 2ª geração cabe à mulher buscar um arranjo satisfatório de trabalho e cuidado do filho.

Quarto, a separação do casal, que fica mais evidente a partir da 2ª geração, afeta todo o sistema familiar nuclear e extenso; há inicialmente um distanciamento físico e afetivo entre os membros da família (com exceção da mãe e do filho que se unem mais), que só com o passar do tempo vai sendo superado, levando a uma reaproximação. É importante observar que a separação do casal entra em choque com os valores morais das mulheres da 1ª e da 2ª geração, que se sentem frustradas em face dessa situação de ver a família perder a estrutura que interiorizaram como a “correta”.

Quinto, os homens passam a ter diferentes modos de participação como pais, mas direcionando mais para maior cuidado com os filhos, seja quando crianças, seja quando jovens ou adultos, mas sempre com grande proximidade afetiva entre pai/filho, como que repetindo um modelo aprendido.

Estes são alguns aspectos salientados na análise, que tomam sentido, quando se observa o contexto e o momento social, histórico e cultural de cada uma das diferentes gerações de famílias. Percebe-se aqui a força das grandes variáveis ocorridas neste século XX e a adaptação que vai acontecendo nas famílias estudadas, ainda que se perceba que elas mostram valorizar um modelo de família nuclear, mesmo nas que passaram pela experiência de separação de casais, na 2ª geração estudada.

Finalizando, há aproximações e rupturas na forma de viver e de pensar o mundo, mas existe um vínculo afetivo forte e de lealdade entre as gerações.

REFERÊNCIAS

- 1 Sarti CA. Família e individualidade: um problema moderno. In: Carvalho MCB, organizador. A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC/Cortez; 1995.
- 2 Dias ML. Divórcio e reconstituição familiar no Brasil. Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da ANPOCS; 1995.
- 3 Symanski H. Teorias e “teorias” de famílias. In: Carvalho MCB, organizador. A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC/Cortez; 1995.
- 4 Romanelli G. Autoridade e poder na família. In: Carvalho MCB, organizador. A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC/Cortez; 1995.
- 5 Bilac ED. Família: algumas inquietações. In: Carvalho MCB, organizador. A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC/Cortez; 1995.
- 6 Biasoli-Alves ZMM. Família – socialização – desenvolvimento. [tese de livre docência]. Ribeirão Preto (SC): Universidade de São Paulo; 1995.
- 7 Rutter M. Helping troubled children. London: Cox & Wyman; 1975.
- 8 Biasoli-Alves ZMM, Silva MHGFD. Análise qualitativa de dados de entrevista, uma proposta. Paidéia, 1992; 2:61-9.